

**IMAGENS DA PAISAGEM URBANA, NATURAL E ECOLÓGICA
NA POESIA DE MYRIAM FRAGA**

Veronica Almeida Trindade (UEFS)

velmestradouefs6@gmail.com

Rosana Maria Ribeiro Patrício (UEFS)

rosanapatri@gmail.com

Aleilton Fonseca (UEFS)

aleilton50@gmail.com

1. Considerações iniciais

A necessidade de diálogo com outras áreas do saber trouxe acréscimos relevantes para o entendimento da complexibilidade do sujeito humano e da natureza principalmente no final do século XX e início do século XXI a partir das pesquisas que revelaram a importância dos estudos sobre paisagem em consonância com outras áreas do conhecimento, possibilitando uma maior abrangência nos resultados esperados. A interdisciplinaridade descortinou diversas nuances até então pouco exploradas nos paradigmas científicos. Dentre estas proposições, a literatura ganha espaço através de seu caráter subjetivo em diversas áreas do conhecimento, assim como, outras áreas de conhecimento são penetradas pelo artesanato literário e isso muda os paradigmas tradicionais e abre um leque de possibilidades para a continuação das reflexões sobre a coletividade política dos sujeitos humanos.

Na contemporaneidade, as investigações sobre as questões das paisagens naturais, urbanas e ecológicas vêm se consolidando com evidência também na literatura. Através dela, observamos os processos subjetivos que caracterizam as cidades urbanas, bem como, a constituição da paisagem natural e ecológica e dos sujeitos dessas cidades levando em consideração que a paisagem é representação e ganha sentido a partir do que é visto, sentido e da cultura.

Ao analisar os sujeitos contemporâneos, a explosão cosmopolita, a movimentação crescente das cidades e seu “inchaço”, os contrastes entre urbanização e ecologia, através da literatura, percebemos os sentimentos que são construídos nas cidades, a topofilia, o estar no mundo e também as crescentes transformações das paisagens. Nessa perspectiva, tenta-se conhecer o impacto dessas transformações na paisagem e o universo citadino relatado e abordado na literatura contemporânea, através de

imagens urbanas na poesia de autores representativos como Myriam Fraga, que vem colaborando de maneira significativa ao discutir as questões das paisagens naturais e urbanas na literatura e principalmente para o enriquecimento da poesia baiana com suas obras. A poeta baiana Myriam Fraga (1937), é membro da Academia de Letras da Bahia desde 1985 e dirige a Fundação Casa de Jorge Amado. Já publicou diversos livros no Brasil e no exterior versando sobre variadas temáticas, em especial: o mar; a mulher; memórias; os mitos; as cidades e as paisagens.

Na literatura fragueana, as cidades trazem consigo uma gama de episódios pelos quais destacamos a complexibilidade do ambiente urbano e ecológico, bem como dos sujeitos que o compõem.

Fraga abrange o movimento contínuo de construção, desconstrução e reconstrução das cidades e da paisagem em sua poesia, denunciando possíveis processos de “destruição” no que tange à “degradação” humana e da própria natureza das cidades, aclamando a “alma da cidade” em sua poética. Dessa maneira, o estar no mundo é discutido aqui pelo veio e viés da literatura que aborda questões subjetivas e circunscreve a trajetória humana no lugar associadas direta ou indiretamente a outras áreas do conhecimento.

Nesse contexto, as representações de imagens urbanas, a paisagem natural e ecológica das cidades podem ser vistas, lidas e sentidas através da ótica dual da literatura a partir de poemas representativos de Myriam Fraga, como: “A Cidade”; “A Cidade de Cachoeira I”; “A Cidade de Cachoeira II” do livro *Poesia Reunida* (2008). Nesses poemas, Fraga aborda questões como a relação do elemento humano com os seus espaços, com o lugar e sua cultura na contemporaneidade. Essas reflexões sobre as cidades e a paisagem natural e ecológica são de grande importância e notoriedade na atual conjuntura em que se pensa sobre o ser e a sustentabilidade uma vez que, a literatura, dialoga com diversas áreas de conhecimento como a história, a geografia, a semiologia, biologia, antropologia e abre um leque de possibilidades para redesenhar um novo quadro das cidades e da paisagem ambas em constante transformação, na vida “real” e cotidiana, na poesia ou na ficção.

2. “A fisionomia” das cidades contemporâneas em Myriam Fraga

Ao analisar as cidades urbanas nesse contexto de percepção dos sentimentos construídos pelos sujeitos no lugar, do estar no mundo, de

olhar a si e o outro, Fraga estabelece projeções que representam através dos poemas mencionados paisagens que poderão ser vistas e sentidas através da semiótica e da perspectiva topofílica, no intuito de verificar como o humano se reconhece nesse cenário.

Partindo da perspectiva, em que pretende buscar imagens urbanas e ecológicas nos poemas da autora supracitada e na tentativa de estabelecer uma relação com os sujeitos que atuam/atuam nesses espaços e/ou lugares, Fraga através do poema “A Cidade” nos instiga a perceber através da memória “o nascimento” da cidade do Salvador no mar, seguindo em busca da “alma cidadina”. Para isso tenta se valer de elementos da ecologia para retratar a “essência da cidade” através da paisagem natural a qual descreve mergulhada nos estilhaços do tempo e no espaço em um emaranhado de mistérios que constituem a complexidade cidadina e humana.

O eu lírico através do poema “A Cidade”, busca a captação do passado para tentar entender o presente e para isso incursa em um “tempo remoto” buscando retratar a “concepção da cidade” propriamente dita “inseminada no mar” e, assim, seguir traduzindo “o nascimento” dessa cidade, que mais tarde, “fundaria com a sua prole”, todo um país. O eu lírico começa o poema que remete a cidade do Salvador com uma explanação interessante através do recurso metafórico que supõe a inseminação e concepção da cidade do Salvador no mar:

A cidade

I

Foi plantada no mar
E entre corais se levanta.
O salitre é seu ar,
[...]
Sua coroa, sua trança
de salsugem,
Seu vestido de ametista,
Seu manto de sal
E musgo.

(FRAGA, 2008, p. 49)

As imagens ecológicas e a paisagem trazida por Fraga nessa primeira estrofe são descritas também sob a perspectiva do mítico. Fraga utiliza características e imagens femininas e sugere que a cidade foi “parida” ali mesmo no mar, lugar onde também “foi gerada” e *entre corais se levanta*, imagem puramente ecológica e paisagística.

O salitre, elemento tipicamente ecomarinho, é também constituintor do soluto e combustível dessa cidade que brotara ali mesmo no mar. Mais uma vez evidencia-se a “essência da cidade” entranhada e atrelada no mar com toda a sua beleza e riqueza natural descrita através desse elemento, o sal, que é também o *ar* da cidade, a *coroa* e a *trança*, esplêndida imagem mitológica ressignificada e esculpida através de imagens femininas para descrever a paisagem da cidade do Salvador.

Fraga através do eu lírico descreve a transposição da cidade através do tempo. E tenta desenhar dois grandes retratos: o da cidade em seu estado de ambiente natural através do *horizonte* e demais elementos da paisagem natural, e o retrato das imagens urbanas previstas através de *janela* ou das *esquinas* da cidade.

Em sua linguagem metafórica, a poesia fragueana é recheada de singularidades que remete “a história não contada” e a memória enquanto elemento norteador na trajetória de *mistério* que sustenta a cidade em seus cantos líricos. Essa paisagem “não lida”, revelada pela literatura, em especial, pela poesia da autora estudada, se insere no campo dos estudos iniciados consolidados após 1970 com as renovações da geografia humanista e da observância da geografia Cultural atualmente estudada com um enfoque na integração de ambas as ciências e da abertura interdisciplinar que possibilitou a quebra nos paradigmas estabelecidos pelas correntes tradicionais. Myriam Fraga continua o poema o qual descreve a paisagem que pretende representar buscando no “não dito”, na “voz calada”, nas entrelinhas, descortinar acontecimentos e a própria concepção da cidade de Salvador com uma atenção a temporalidade e a intemporalidade, ao *mistério* e a dicotomia da paisagem natural a *priori* e a paisagem urbana prevista pelo eu lírico com a metáfora da *janela/horizonte*, proposta no poema para remeter a cidade em seu processo de “nascimento” e contínuo de desenvolvimento.

II

Armada em firme silêncio
Dependura-se dos montes
E tão precário equilíbrio
Se propõe
Que, além da porta ou portada,
De janela ou de horizonte,
O que a sustenta é o mistério,
Triste chão, sombra vazia,
Tempo escorrendo das pedras,
Lacerado nas esquinas,
Tempo- sudário e guia.

III

Mas que fera (ou animal)
 Esta cidade antiga
 Com sua densa pupila
 Espreitando entre torres,
 Seu hálito de concha
 A babujar segredos,
 Deitada entre os meus pés,
 Minha cadela e amiga.

Nessa perspectiva Fraga descreve a paisagem citadina seja natural ou urbana no sentido de situar o elemento humano entre o espaço da memória, se valendo do imaginário e assim mesclar “lugar real” com “ir-real” e retratar o “lugar ideal”, utopicamente materializado e desejado conforme notou-se na primeira estrofe do poema “*A Cidade*”. Nesse passeio milenar, os achados do eu lírico mapeados, transitam entre os fenômenos culturais e urbanos no que tange as ações humanas no lugar, pela criação da autora que incursa entre a “cidade real”, “irreal” e a “cidade ideal” na tentativa de traduzir a “alma das cidades” e por fim aclamar a “saúde das cidades”.

A cidade materializada pelas incursões da memória “revela” ao eu lírico no *babujar segredos* que transitam entre memória e esquecimento, entre risos e choros, um passado de glórias e dor.

Mas uma vez o mar representa o “nascimento” e a “morte”, o ciclo, em que a cidade estava imersa e as *antigas paisagens* se situam no campo memorialístico entre lembrança e *esquecimento* e os recursos simbólicos presentes no poema para continua a descrição da paisagem que pretende representar.

IV

Repete esta dureza
 Este arfar entre dentes,
 Seu pulmão de basalto
 Onde a morte respira.
 E nas sombras da tarde
 Em sangue no poente,
 Abre os olhos sem pálpebras
 E dança. Em maresia
 E estrelas afogada.

V

E nesta coreografia,
 Sopro de antigas paisagens,
 Um calendário se arrasta,
 Nas corroídas legendas,
 Apodrecidas fachadas,

A mastigar as divisas
E outros símbolos manchados,
Nos brasões onde goteja
O limo do esquecimento.

A marca temporal do poema se situa entre linear e não linear e assim se perde na memória entre “[...] a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas” conforme as ideias de (BAUMAN, 2001, p. 149). Nessa perspectiva o imaginário e as imagens urbanas são descritos na lírica fragueana, em seus cantos, encantos e recantos líricos nos quais são também reveladas “paisagens inéditas” que a literatura proporciona possibilidades de vê, propondo a contemplação da “cidade ideal” através do imaginário, das representações das imagens citadinas no que tange a percepção e ideia de lugar, no qual, a cidade passa a ser *locus* ideal também da poesia contemporânea se pensada com um relevo paisagístico e ecológico.

De acordo com o professor Matthew Gandy, da University College London, é imprescindível estudar a paisagem em uma perspectiva interdisciplinar para um maior alcance das pesquisas, uma vez que, a paisagem se insere também como lugar simbólico que interfere nas práticas culturais, políticas e sociais da sociedade. Nessa perspectiva “[...] toda mudança social constitui, na verdade, um desafio às concepções preexistentes da natureza e às suas representações simbólicas na paisagem.” (GANDY, 2004, p. 80). Assim, a representação da paisagem na obra literária, é de fundamental importância uma vez que também trata das dinâmicas sociais, das relações ecológicas e da história cultural da sociedade. Como lugar simbólico, a paisagem influencia no espaço através do imaginário e na literatura fragueana, podemos identificar diversos aspectos que partem desde o ficcional (que não seria necessariamente o irreal), à realidade coletiva na descrição da paisagem citadina. Essas manifestações são percebidas, criadas e recriadas por leitores e dão à obra uma materialidade que se mescla entre o imaginário, as imagens e o “real”.

Fraga busca no anteposto, a contemplação de marcas que dê pistas para se pensar a “essência citadina” e assim continuar traduzindo a imagem da paisagem atual. Mas essa *desassistida batalha* contada por seus fósseis acha-se e ao mesmo tempo perde-se no tempo e no *espaço, nas memórias*, na imaginação, no tempo milenar, no ciclo, no nascimento e na morte, na *fendida casca de um mundo* ou nas asas de um *pássaro alado* sem destino certo, sem rumo.

VI

Não fosse a imaginada

Profecia, face e apelo
 Das inscrições lapidares,
 Palimpsesto ou astrolábio
 Na pedra, na cal, nos muros,
 Fendida casca de um mundo
 Coagulado em memórias,

VII

Restavam ossos e nomes,
 Desassistida batalha
 Contra o tempo. E esta cidade,
 Com seu signo, seu quadrante
 De cristal,
 Sua mensagem de calcário,
 Desfeita em vaga o soluço,
 Mergulharia no espaço
 Pássaro alado, albergália.

(FRAGA, 2008, p. 49-50 (Poesia Reunida))

Nesse poema, a cidade ocupa posição de destaque associada a noções de paisagem natural na qual Myriam Fraga utiliza elementos ecomarinhos para inscrever sua lírica através da memória e do imaginário. A autora também utiliza elementos mitológicos ressignificados e imagens femininas para continuar circunscrevendo a “fisionomia das cidades”.

3. *A cidade de Cachoeira I*

Conforme foi mencionado, desde os anos de 1970 as abordagens sobre os estudos referentes as paisagens vem se desenvolvendo no âmbito de transformações trazendo concepções sobre paisagens e um conceito organizacional. As pesquisas sobre paisagem foram se desenvolvendo em uma abordagem interdisciplinar e as transformações dos estudos seguiram articuladas a outras áreas como a ecologia, a antropologia, a história econômica entre outras. Tais mudanças foram se consolidando a partir da evolução dos alicerces econômicos da organização social e da ação antrópica no processo de evolução das relações entre natureza e sociedade, dessa forma, as mudança na paisagem está ligada intimamente com as dinâmicas sociais.

De acordo com Gandy (2004),

Antes do século XIX, pintar a paisagem era considerado um gênero pictural menor. Mas, com a crescente importância atribuída ao estudo da natureza, a ênfase passou da simples representação figurativa à paisagem como pura experiência visual em si mesma. (VAUGHAN, 1994, p. 132, *apud* GANDY, 2004, p. 81).

No poema a cidade de Cachoeira I do livro *O risco na pele* de Myriam Fraga circunscrito em sua *Poesia Reunida* (2008), a autora nos revela uma forte sensibilidade ecológica marcada em sua lírica e leva em consideração as variações da significação cultural do espaço urbano. A presença de imagens ecológicas são descritas nesse poema não somente como preocupação com o meio ambiente mas muito além disto, em uma perspectiva de habitar. O tempo parece parar diante da beleza desse *habitat* e através da memória é possível reler o passado por meio de lembranças ativadas pelos sentimentos topofílicos construídos no lugar conforme as ideias de Jacques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada. (LE GOFF, 1994, p. 423).

Essa articulação entre o passado e o presente redundam em imagens produzidas nas memórias individuais, coletivas e históricas as quais são representadas na lírica fragueana. O poema *A cidade de Cachoeira I*, rememora a cidade do recôncavo baiano da qual o eu lírico se serve para retratar a mudança da paisagem e os acontecimentos marcados pelas ruínas dos casarões, das marcas nas paredes, nas ruas e curso dos rios. O poema é criado como por etapas, “cada dia” o eu lírico viaja através das memórias e retrata o não dito através de uma dicção que lhe é inerente.

VISÃO INICIAL

(1º dia)

Este é um mundo interior
E cálido
Onde o presente se anula
E o tempo para.

O sol é dividido nas arestas
E escorre molemente
Das fachadas

É intenso e espesso
Como uma tinta espessa
E desenha leopardos
Sob as árvores.

E o que dizer do casario
(Policronia)
De olhos arregalados
Para o rio?

(FRAGA, 2008, p. 169)

No poema, as imagens do mundo exterior povoam as mentes e associadas ao imaginário constituem novas imagens que se unem e vão expressar os sentimentos da alma humana. *Como uma tinta espessa/ E desenha leopardos/ Sob as árvores.* Assim a natureza seria o elo entre a existência e a “essência humana” e a poeta tenta traduzir os sentimentos construídos ao longo dessa existência uma vez que “*Este é um mundo interior*” e só pode ser visto e entendido incursando entre o “real”, o imaginário e a imaginação.

Nesse sentido, a literatura é um vasto campo de conhecimento no que diz respeito à paisagem natural e ecológica ou urbana, bem como a formação humana e cidadina por proporcionar uma multiplicidade de di-retrizes e lentes para um aguçamento da visão das paisagens e do próprio sujeito por um veio e viés que lhe é inerente. Fraga segue descrevendo a paisagem natural e ecológica e estabelece uma relação com o tempo e com o rio, elemento que guarda a história de um tempo passado recheado pelas memórias. A representação cidade de Cachoeira no poema se insere como símbolo de vida e morte da cidade que se renova e sobrevive no curso do rio, da cidade que passa e da que fica nas lembranças.

O RIO

(3º dia)

A – Assim o rio esconde
Suas navalhas,
No pressentido gesto
De corte
Sob as águas.

Este rio rolando
Em suas pedras,
Na furiosa dor
Multiplicadas.

Nascimento e mortalha
São seus mangues,
Sua lavoura de sujus
Caranguejos

A engatinhar num tempo
Que supomos.

A cidade das lembranças rememorada na distância traria a imagem ideal e exata do que foi, do que é e do que representa o lugar. O eu lírico utiliza metáforas na última estrofe do poema para representar o espaço da cidade. Esse espaço simbolizado na figura de uma caixa, ganha dimensão quando o eu lírico situa-se a margem e com uma visão privile-

giada consegue vê a cidade inteira por outras lentes. Mas que cidade seria essa? A das lembranças? A “real” ou a imaginada? Ou eu lírico mantém viva a cidade que se pretende destacar através dessas três nuances? conforme declara: “Agora é que a vejo extinta/ E viva,/ Em sua clara redomada/de tempo e amor/Protegida”.

Atualmente o conceito de paisagem está intimamente ligado a ação humana no ambiente e ao produto cultural. Sujeitos diferentes transformam e concebem a paisagem de maneiras diferentes e isso tem relação importante na formação e transformação da paisagem e na problemática ambiental.

Os estudos desenvolvidos por Bossé (2004) pautados na geografia cultural, tentam traçar algumas concepções em relação a identidades do ponto de vista da cultura, concebendo-a como construção social. E nessa perspectiva, o autor traz a ideia de lugar como suporte da identidade cultural. Para Bossé (2004), o lugar define e até mesmo constrói a identidade culturais e sociais.

O lugar é considerado como o suporte essencial da identidade cultural, não mais em um sentido estritamente naturalista, mas porque fica evidenciado o vínculo fenomenológico e ontológico fundamental que ancora a pessoa humana naquilo que Eric Dardel chamou de sua “geograficidade”. (BOSSÉ, 2004, p. 166).

Essas reflexões a respeito da paisagem abrangem também território e suas representações no lugar. Sendo assim, para esse autor o sentimento identitário já que está ligado a uma herança encontra o “lugar da memória” e tanto as paisagens reais como as suas representações na obra literária apontam as consciências coletivas, territoriais e diz a identidade cultural e política em relação ao lugar.

4. A cidade de Cachoeira II

A natureza também é o espaço onde o eu lírico acompanha a paisagem do tempo nesse outro poema. A memória é evocada na tentativa de reconstituir um tempo vivido, um reencontro no tempo que passou onde muitas coisas se perderam ou tornaram-se ruínas.

O sujeito poético também resgata a força representativa do rio como no poema anterior como testemunha das lutas ocorridas, das lembranças, do tempo corrido e da história. Nesse tempo corrido, é perceptível a busca do eu lírico por uma identidade que se reflete *nos espelhos*

simulacro do real. *Me encontro nos espelhos/ Face a face,/ E o tempo, se o invento,/ É porque passa.* (FRAGA, 2008, p. 175). No poema, o sujeito poético parece não mais se identificar com a nova paisagem da cidade e o tempo parece ter sepultado muitas lembranças: *“As cadelas do tempo/ Com seus dentes/ Roeram as esperanças/ E as paredes/ [...] Regresso no silêncio/ E não me encontro”*.

Mas o sujeito poético busca incessantemente essa identificação e através das ruínas tenta recuperar o tempo e se apropriar-se do lugar: *“Planto agora meus pés/ Num chão sem dono/ E arrasto a carcaça/ De meus sonhos”* ativando novamente questões identitárias.

Myriam Fraga tenta verbalizar em sua poesia o drama da existência humana e as cidades como lugar dos acontecimentos. Para isso recorre a elementos ecológicos para traduzir a imagem cidadina que se tenta resgatar e a imagem da paisagem atual *“Não existem redomas/ Nem aquários/ Há tentáculos,/ Ventosas nas paredes/ E monstros que fugiram/ Do dilúvio.”*

Os poemas *“A cidade de Cachoeira I”* e *“A cidade de Cachoeira II”*, são descritos em uma perspectiva paisagística e de memórias nas quais o eu lírico incursa pela ótica da literatura a fim de traduzir imagens atuais das cidades.

Nos poemas, percebe-se uma relação intensa com o vivido anteriormente na busca por estabelecer retratos na contemporaneidade redefinidos, ou seja, tenta-se redesenhar as cidades através da voz do eu lírico na perspectiva de torná-las mais “humana” e agradável, com uma relação mais harmônica com a natureza.

Nesse sentido, o sujeito poético resgata a paisagem natural e ecológica na tentativa de verbalizar a “alma das cidades” e por fim estabelecer o retrato da paisagem cidadina atual idealizado em sua lírica.

Para isso, fez-se necessário pensar as paisagens urbanas e naturais enfatizando a condição humana e o local da cultura, onde as ações do humano no seu espaço se transformam na medida em que interagem entre si e com ambiente em que se insere. Assim, a problematização da paisagem urbana e natural como processo cultural se dá também com suporte na subjetividade da literatura uma vez que, confronta imagens “reais” e “irreais” ou imaginadas, a fim de fomentar uma reflexão crítica a respeito da complexidade e/ou interação entre espaço urbano, natural, ecológico e

o “território” poético no que tange a configuração do lugar e da cultura urbana.

Sobre a relação da paisagem e do sujeito humano e a complexidade de entre natureza e cultura Alves (2010) diz que:

No tecido literário contemporâneo, tão marcado pela visualidade, a presença ou ausência da paisagem revela fortemente leituras críticas do mundo, da linguagem e do sujeito, e os estudos decorrentes buscam examinar a relação complexa entre natureza e cultura, expondo experiências de perda, de deslocamento ou, por outro, de reconhecimentos de singularidades culturais num tempo de massificação e indiferenciação identitária. (ALVES, 2010, p.8).

Nessa perspectiva, os versos fragueanos são peculiares por que trazem, através da palavra, uma grande variação de elementos que conduzem o leitor “a passear pela cidade” e “vê” as paisagens. Um discurso que traduz a dimensão das imagens urbanas e ecológicas e seus paradoxos:

Na poesia, a questão da paisagem como bem cultural também pode ser percebida e perseguida simultaneamente como tema e forma estrutural num viés de reflexão ou no eixo de relações que se desenvolve em múltiplos aspectos desde o romantismo, atravessando o modernismo, as vanguardas até chegar a modernidade. (ALVES, 2010, p. 12).

Completamos ainda que na contemporaneidade, tenta-se associar os estudos da geografia humanistas com a geografia cultural e problematizar a cidade e a paisagem observando o lugar da cultura. Nessa perspectiva, Alves (2010) faz uma reflexão sobre o lugar da poesia a respeito da relação entre as configurações paisagísticas e os processos de subjetivação no que tange a dialética entre natureza e cultura.

5. Considerações finais

A paisagem, como palco da atuação humana, é modificada continuamente e pode ser esquecida com o frenético ritmo em que essas transformações ocorrem, processo iniciado com o advento da modernidade. Nesse sentido, a percepção da paisagem deve ser concebida e repensada sob a observância de diversas áreas de conhecimento no sentido de instigar atitudes responsáveis nessa intervenção, uma vez que homem e lugar são intrinsecamente ligados e através das memórias acionam os sentimentos que dizem as paisagens, as cidades e o lugar, influenciados por uma cultura, dominadora ou não.

Na busca desenfreada pelo poder o sujeito humano procura interferir na paisagem que pretende representar e para isso, através da domi-

nação linguística, por exemplo, tem poder para modelar a paisagem que pretende descrever. Mas para um maior entendimento da temática cidadina na obra literária, foi preciso levar em consideração que ocorreram grandes transformações notadas na segunda metade do século XIX, evidenciadas em todos os setores da esfera organizacional: na economia, na política, na ciência e na sociedade em geral acirradas principalmente na Europa e no Norte dos Estados Unidos onde as grandes tecnologias e o processo de industrialização modificaram a paisagem e consequentemente a “fisionomia das cidades”.

Foi com o surgimento e relevo das grandes metrópoles e frente ao movimento e aceleração em que fora submetida às cidades no século XIX, que o poeta entrou em “crise existencial” por não se inserir em um mundo onde sua poesia passaria a ser um objeto comercial. Destituído de seu ofício lírico foi *expulso* da cidade moderna, sentiu-se *deslocado* conforme as ideias de Fonseca (2000).

Com essa grande estrutura de produção de bens materiais de consumo, o mundo mudou drasticamente e como não havia mais lugar para uma poesia dos valores eternizantes o poeta entrou em crise. Mas aos poucos começou a reagir ao “choque” inicial ou crise, e estabelecer a sua *pertença* através da possibilidade do olhar e da captação do momento. Foi de olhar as gentes sempre apressadas e ocupadas e de percorrer as novas ruas que surgiam nas cidades que os poetas “conseguiram” exprimir em uma voz dissonante a “fisionomia cidadina”.

O poeta da modernidade começou a traçar linhas para se tentar desenhar “o retrato da cidade” em constante movimentação, estabelecendo assim uma poesia itinerante e também de observação.

A paisagem da cidade se modificava a todo o momento, as imagens urbanas iam sendo descritas através das lentes dos poetas que também observavam a relação do ser e seus espaços, uma vez que, o sujeito humano era e é, o principal agente construtor e modificador do cenário citadino. Foi dessa forma, que a poesia começou a ganhar um novo relevo e insiste em sobreviver na atual conjuntura especialmente através de poetas contemporâneos como Myriam Fraga, traduzindo os acontecimentos humanos, o cotidiano e principalmente “a maior das construções humanas: a cidade” conforme afirmou italiano Ítalo Calvino.

Nesse sentido, Myriam Fraga na contemporaneidade segue representando as imagens das cidades urbanas em sua poesia como fruto das ações humanas e nessa perspectiva aborda também a percepção e a topo-

filia, ou seja, a ligação de afetividade entre pessoa e lugar no campo do ambiente físico, e nesse sentido, segue em busca da “essência da cidade”, como estímulo para pensar a realidade humana e cidadina atual.

A lírica fragueana ganha destaque pela maneira peculiar em que apresenta seus poemas em uma voz que traduz o imaginário coletivo na dissonância da contemporaneidade plural e diversificada, bem como, traz a temática cidadina evidenciada através de imagens da paisagem urbana, natural e ecológica com enfoque para as ações humanas no que tange as configurações e desconfigurações dessas paisagens que se prolongam e se modificam até o presente século.

As relações do homem com o ambiente são elementares para a configuração de mundo no sentido de aldeia global a ser repensada e a concepção de mundo pautada a partir da própria percepção da paisagem como lugar indissociável dos elementos físicos, biológicos e humanos, se da na lírica fragueana em uma perspectiva topofílica em consonância com a linguagem subjetiva da poesia, que retrata cenários de acontecimentos em contínua evolução pela ação humana e do conjunto de elementos internos e externos que fazem parte da constituição do universo.

Nesse sentido, a percepção de lugar pode ser entendida se discutida culturalmente e através da subjetividade poética, da experiência, dos fenômenos decorrentes da atuação do homem com a natureza e sua cultura, como agenciador de transformações.

Myriam Fraga “navega” por lugares distantes e em sua lírica traz a experiência e a memória como representação das vivências coletivas, concebe a paisagem em uma percepção que traduz entre o “real” e o imaginário, elementos ecológicos, naturais para constituir uma poesia atual que dialoga e faz releituras do passado em função do presente, pondo-o sempre em causa, para assim conceber o futuro como seguimento da história do presente.

Fraga em seus encantos líricos descreve a paisagem urbana e sua complexidade através de seus arranjos líricos envolvendo questões ambientais. Na sua poesia, o ambiente é um nicho, um abrigo no qual o sujeito humano se reconhece na medida em que desenvolve um sentimento no lugar. Dessa forma, o espaço habitado ganha relevo se concebido como morada, como algo valoroso que abrange o individual e coletivo ao mesmo tempo. Assim a ecologia é repensada aos moldes do imaginário no sentido de estabelecer relações entre o sujeito humano e natureza uma vez que ambos abarcam uma grande complexidade que não pode ser en-

tendida somente por uma vertente. Para isso a literatura possibilita representações simbólicas que pressupõem imagens entre o real e o imaginário transcritas na lírica fragueana em uma relação direta entre o homem, cultura e o meio ambiente repensando a trajetória humana no lugar e as transformações nas paisagens através de poemas representativos.

Dessa forma, segue nas tessituras paisagísticas e da memória em um passeio no qual o passado e o presente reconstituem paisagens que instiga sentimentos de lugar, (topofilia) metamorfozando em um ambiente ecológico na descrição da cidade que se pretende atualizar e na afirmação da urbanidade que se pretende em uma voz dissonante pensar e repensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ida Ferreira. *Literatura e paisagens: perspectivas e diálogos*. Apresentação. In: ALVES, Ida Ferrara; FEITOSA, Marcia Maria Miguel. (Orgs.). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato et al. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 157-179.

COSTA, Everaldo Batista da. *As cidades entre o “real” e o imaginário estudos do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FRAGA, Myriam. *Poesia reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: expulsão e deslocamento. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Org.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

GANDY, Matthew. Paisagem, estéticas e ideologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato et al. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 75-89.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.